

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

10.

TOMO 7.º

1.º DE JUNHO DE 1848.

N.º 83

UM ILLUSTRE AVARENTO

Jaõ dous estudantes da universidade de Varsovia passando pela rua que se chama o bairro de Cracovia, fronteira à columna do rei Sigismundo, columna cujo vertice se eleva acima da capital da Polonia, e cujo pedestal está cercado por um cordão de mercadoras que vendem aos caminhantes fructas, bolos, e toda qualidade de cousas; pararaõ e se puzeraõ a contemplar um original que lhes atrahia a attenção por sua figura, seu porte e seu vestuario. Tinha de cincoenta a sessenta annos: sua casaca preta, velha e surrada ao ultimo ponto, cobria um corpo emmagrecido pelos trabalhos, ou pelos pezares: seu largo chapéo cobria um rosto enrugado, e seu andar mais que apressado, provava que elle não era senhor do seu tempo. Este homem cuja vivacidade offerencia um contraste singular com a fraqueza de seu corpo, se dirigio para a columna onde parou, comprou um soldo de paõ branco, comeu um pedaço, guardou o resto na algibeira da casaca e proseguio seu caminho dirigindo-se para o pa-

lacio do general Zaionczek lugar-tenente do reino, que na ausencia do Czar Alexandre exercia em Polonia a autoridade real.

— Sabes que original é aquelle? perguntou um dos estudantes ao seu companheiro.

— Não o conheço; mas, a julgal-o pelo seu triste traje, por sua magreza, e por seu rosto sombrio, penso não enganar-me tomando-o por um conductor de pompas funebres.

— Não acertaste, meu caro: é Stanislau Staszic.

— Staszic! repetio o estudante olhando para o homem que entrava no palacio do lugar-tenente do reino. Como, proseguio elle este homem que corre a pé, que no meio da rua compra e come um pedaço de paõ, é poderoso e rico?

— Sim, é Stanislau Staszic, replicou o outro; acreditas que de baixo daquella mesquinha apparencia se esconde um dos nossos ministros mais influentes, um dos mais illustres sabios da Europa?

E com effeito, o homem que lhes havia attrahido a attenção pela singularidade de seu trajar, e pela originalidade de seu porte, era o

proprio Staszic ; ministro de estado , presidente da academia das Sciencias cavalleiro de varias ordens , author de obras tão notaveis por sua erudição , como por seus sentimentos patrioticos.

O homem cujo exterior contrastava com sua posição social , que era tão poderoso , quanto era mesquinha sua apparencia , que era tão rico quanto parecia pobre , devia sua fortuna a si mesmo , aos seus trabalhos e ao seu genio. Nado de parentes pobres deixou a Polonia para ir beber nas escholas estrangeiras as luzes que no seu paiz não podia adquerir. Passou alguns annos nas universidades de Leipsick e de Goettingue , continuou seus estudos no collegio de França , sob a direcção de Brisson e d'Aubanton , conquistou a amizade de Bufon visitou os Alpes e os Apeninos , e não regressou á sua patria se não para fazer reverter em proveito de seu paiz o fructo de seus longos estudos , e de suas penosas pesquisas.

Instruido , laborioso , estimado por seu bello proceder , foi chamado por um dos mais ricos magnatas polacos para dirigir a educação de seu filho. Em breve o governo quiz aproveitar seus talentos , e Staszic , de posto em posto , se elevou aos primeiros cargos ás mais altas dignidades. A economia o fez rico : quinhentos servos cultivavão suas terras , e os capitaes que possuia a juros no banco igualavão seus bens de raiz.

Um homem do povo que se elevava ácima da multidão , sem embargo dos serviços que presta , excita contra si a maledicencia e a inveja : a mediocridade se vingava pela calumnia. Por isso não é de admirar que Staszic , chegado ao cume do poder , tenha encontrado numerosos inimigos. Sua fortuna era attribuída á intriga , sua elevação á lisonjaria seus beneficios á vaidade ; o que porem dava uma apparencia de verdade a estes boatos malevolos erão sua originalidade e sua avareza inconcebíveis. Fazia largos donativos em proveito da sciencia e do paiz ; mas podia o povo crer em sua generosidade , quando via suas casacas estragadas , seu alimento mais que ordinario , e sua morada mais que modesta ?

Por isso , quando elle atravessava as ruas de Varsovia todos os olhares se volvião para o illustre original ; apontavão para elle , os garotos davão brados contra o millionario que andava a pé . em vez de andar de sege , seguido de criados.

Forma-se um grupo em roda dos estudantes , onde se vê um nobre e um padre. Todos olhão para o sabio ministro , e cada qual solta a seu respeito um dito malevolo.

— Por Nosso Senhor Jezus Christo ! exclamou o nobre , de bigodes brancos , e cujo trajar recordava a moda do tempo do rei Sigismundo , quem diria que aquillo é um ministro de estado ? Não era assim

que no mundo apparecião os servidores da nossa velha republica ! Quando um palatino atravessava a capital, ia precedido e seguido de guardas a cavallo. Os soldados dispersavão a multidão que se apinhava no seu transitio. Que respeito se pode ter por um avaro que teme comprar uma sege, e que nas ruas come um pedaço de pão, como o faria um mendigo sem eira nem beira?

Elle envergonha a nossa sagrada corporação, accrescentou o padre; fêz-se monge e nunca o vêem na igreja; seu coração é tão duro como o cofre em que encerra o seu ouro; pode o pobre morrer á sua porta que elle lhe recusará a esmola.

— Ha dez annos que anda com a mesma casaca, disse um da roda.

— Senta-se no chão para não estragar cadeira, replicou outro; e cada qual accrescentava o que queria, e todo o mundo zombava.

Um joven estudante das minas escutava em silencio estes ditos que o ferião no coração; soffria visivelmente, entretanto calava-se; porem, quando a malevolencia chegou ao seu auge, não podendo mais reprimir o impeto de seu coração; voltou-se para o padre:

— Deverieis fallar com mais respeito, disse-lhe, de um homem que se distingue por sua generosidade. Que nos importa a nós como elle se veste e o que come se faz nobre uso de sua fortuna?

— E que tem elle feito? perguntou o padre.

— A Academia das Sciencias carecia de lugar para a biblioteca e não tinha fundos sufficientes para alugar um local. Quem lhe offereceo um palacio magnifico? não foi Staszic?

— Sim, sim, foi Staszic, porque é tão avido de louvores como de ouro. A vaidade venceo a avareza; elle bem sabia que os jornalistas deslumbrados farião d'elle um semideus.

— A Polonia conta como sua primeira gloria o sabio que descobrio a lei do movimento sideral. Qual foi o homem que lhe erigio um monumento digno de sua fama? qual foi o rico que chamou o buril de Canova para honrar a memoria de Copernico?

— Sim, foi ainda Staszic, replicou o padre: mas tambem toda a Europa admira o generoso senador... Meu joven amigo não é para fazer estrondo no mundo, não é a claridade do sol que deve brilhar a caridade christã. Quereis conhecer o homem? penetrai no seu interior sondai sua vida privada. Este avaro orgulhoso eu o conheço, nos livros que publica, geme sobre a sorte dos camponeses, e em seus vastos dominios emprega quinhentos servos desgraçados: amaldiçoa o luxo e os prazeres da nobreza, e entrega ao prazer vai secretamente aos divertimentos. Ide ao theatro, escolhei o lugar de menos custo, ponde-vos a um can-

to no meio dos garotos e dos judeos, e ali encontrareis Staszic. Desde o romper do dia ide à sua casa, que achareis uma pobre mulher banhada de pranto que pede e um rico estoico que repelle: o homem opulento é Staszic; a mulher desdenhada é sua irmã. Este homem que offerece palacios que manda fazer estatuas para obter applausos, deveria antes enxugar as lagrimas dos camponezes que opprime, e da familia que desampara.

O mancebo quiz responder - mas não o escutaram. Triste e oppresso, afastou-se abalado em sua opinião arrepiado do homem que era seu bemfeitor.

Querendo certificar-se se os factos erão verdadeiros, foi de noite ao theatro: representava-se o Avaro; Zolkowski, bufão amado do povo de Varsovia, devia reproduzir na scena polaca uma da mais bellas concepções de Molière. A multidão entulhava as entradas da sala; era sobretudo difficilimo penetrar nas torrinhãs; esses lugares de pouco erão reservados para as bolsas desguarnecidas, e para os judeos sem excepção, aos quaes a intolerancia vedava a entrada dos camarotes e da platéa. Resolveo o nosso joven estudante abrir caminho por entre a mulidão, penetrar na salia e chegar ás torrinhãs. Em balde seus olhos procurão o homem que a opinião publica accusa, e que elle queteria admirar: não o acha nem o pode reconhecer. Seu coração se alegra: mas foi de curta duração sua alegria. Levanta-se o panno, uma trovoadã de applausos saudã o actor que tomou a casaca, o porte e o andar de Staszic. O joven estudante soffre, mas sua dôr se augmenta quando o publico, composto de garo-

tos, se volta para um de seus visinhos e o cobre de apupadas e de vaias. Este homem ultrajado publicamente era Staszic. A multidão recouheceo o avaro no actor, e achã sua victima no homem que lhe servio de modelo. Staszic oppõe uma serenidade passiva aos movimentos convulsivos do publico e permanece indifferente até ao fim do espectáculo.

No dia seguinte vai o estudante à morada do seu bemfeitor. e ali achã uma mulher que chora e que pragueja seu irmão deshumano. Este facto o faz pasmãr - despedaçã-lhe a alma e lhe inspira uma resolução inabalavel. Foi Staszic quem o metteo na eschola das minas, é elle quem lhe fornece os meios de continuar seus estudos: o mancebo repellirã seus dons, não quer receber os beneficios de um homem que se não commove das lagrimas de sua irmã.

Ao avistar o seu favorecido predilecto o sabio ministro não suspendeo seus trabalhos, e lhe disse escrevendo:

— Es tu, Adolpho que queres? Precisas de livros? tira-os na minha bibliotéca. Faltão-te alguns instrumentos? compra-os por minha conta. E' insufficiente para as tuas precisões a pensão que te dei? augmentã-la hei conforme os teus desejos. Falla como a teu amigo, como a teu pai.

— Pelo contrario, venho aqui para vos agradecer os vossos beneficios, e para vos dizer que a elles renuncio para sempre.

— Pois estás rico?

— Sou pobre como d'antes era.

— É a eschola das minas?

— Abandonõ-a.

— Impossivel! exclamou Staszic

levantando-se e procurando penetrar os pensamentos do mancebo. Tu, o mais capaz dos nossos alumnos, a esperança dos nossos engenheiros. Por minha alma, não ha-de ser assim.

Debalde quiz o joven estudante occultar a verdade : á força de insietir, o sabio ministro conheceo o nobre motivo que fazia obrar seu protegido.

— Vós me quereis beneficiar, disse-lhe o mancebo, á custa dos servos que para vós trabalhão ; á custa de vossa familia que soffre.

Staszic não pôde encobrir sua emoção ; inclinou a cabeça, e cahirão-lhe lagrimas dos olhos. Depois de alguns momentos de silencio, apertou a mão do mancebo e lhe disse comovido :

— Joven amigo, abstem-te de julgar os homens e suas acções antes do fim de sua vida. Não ha virtude que não possa ser manchada pelo vicio, não ha calumnias que o tempo não consiga dissipar. O meu procedimento é um enigma para ti, e eu não t'o posso explicar, porque é o segredo da minha vida.

Vendo que o mancebo permanecia inabalavel, acrescentou :

— Conta o dinheño que te adianta, considera-o como um emprestimo, e quando, á força de estudos e de trabalho, tiveres enriquecido restituil-o-lhas a um mancebo capaz, que estiver em necessidade. Quanto a mim, espera a minha morte para julgares a minha vida.

Durante cincoenta annos, Stanis-lao Staszic permittio que a calumnia denegrisse todos os actos de sua vida : sabia que chegaria um dia em

que a Polonia inteira lhe faria justiça e em que elle seria posto á frente dos homens os mais generosos, e os mais dedicados á felicidade de seu paiz.

Em 20 de janeiro de 1826, trinta mil habitantes com as lagrimas nos olhos, occorrerão junto ao seio leito mortuario, e disputão entre si os andrajos que o cobrem.

O exercito russo não pode comprimir a homenagem que o povo de Varsovia rendeu a este homem illustre. Seu testamento explicou seu proceder, fez conhecer o movel de sua avareza e de sua fortuna. « Sim, dizia elle, eu me impuz rudes privações, porque, pobre, era sómente por este meio que podia chegar á fortuna, fortuna que destinava toda ao meu paiz, »

As vastas terras que elle possuia, repartio-as entre quinhentos camponezes, os servos ficarão livres e proprietarios. Uma eschela profissional ensina ás creanças diferentes officios : grandes melhoramentos são introduzidos na pequena republica que fundou Staszic com approvação do imperador Alexandre.

Um fundo de reserva foi destinado para soccorrer o camponez fallido por qualquer accidente. Um imposto modico arrecadado sobre os servos libertos é destinado a resgatar a liberdade dos visinhos condemnados como o forão à servidão e ás corvéas.

Depois de ter assegurado a sorte de seus camponezes, Staszic offereceo seiscentos mil florins para se fundar um hospital modelo, e deixou sommas consideraveis para auxiliarem a mocidade estudiosa.

Quanto à sua irmã, gozou da mesma renda que possuía durante a vida de seu irmão, porque esta mulher não conhecia o valor do dinheiro, e dissipava sem discernimento tudo quanto obtinha de sua beneficência.

Stanislao Staszic foi muito tempo victima e martyr da calunnia. Depois de sua morte, quinhentas famílias chamadas à felicidade e à liberdade elevão cada dia sua voz agradecida para honrarem a memoria do illustre avarento.



RESPOSTA CATHEGORICA.

Certo devoto de Baccho, que tinha cursado os estudos theologicos, pretendia ordenar-se padre, mas como tivesse inimigos, ou invejosos dos seus progressos, bem depressa foi o Bispo infomado dos gostos profanos e irregulares do estudante. Por mais requerimentos que fizesse ao prelado a fim de obter a tonsura, todos lhe sahiao indifferidos; porem, apesar disso tanta fez e tanto atormentou o escrupuloso Bispo, que esse por fim resolveo-se a desengana lo, se com effeito o achasse indigno de ordens. Mandou-o pois vir á sua presença, e fallou-lhe assim: — Homem nem todos estão habilitados para serem Ministros do culto e Pastores do Povo. Duas grandes qualidades são principalmente necessarias para se poder aspirar a uma tal dignidade: 1.ª os es-

tudos theologicos competentes, e a 2.ª os bons costumes — Quanto à 1.ª (respondeo o encarnicado inimigo da agua) eis-aqui os diplomas que provaõ ter eu cursado com proveito as competentes classes da sciencia theologica; e quanto á 2.ª como sou parte, talvez não seja acreditada a minha justificação. Só previno a V. Exc. que tenho inimigos, e talvez por elles tenha sido calumniado. — Sim homem tem-se-me dito que és um bebado, tar-rasso de profissão, um ignorante, indigo da tonsura. — Vejo porem, continúa o Prelado, que estás habilitado nos estudos; mas quanto á beberrice ainda estou em jejum. — Vamos lá, quero experimentar se ao menos és taõ perito na theogonia Bacchanal, como na escolastica. — Diz-me qual é o melhor petisco para beber um cópo de vinho? — Uma azeitona respondeo o estudante. — Já vejo que és um ignorante replicou o Bispo, julgava que me fallarias em carne de viuhõ d'alhos, salsichaõ, arenques de fumo etc. V. Ex., respondeo o interrogado, fallou-me só em um cópo, e não em um barril porque entãõ eu lhe teria citado esses e outros melhores excitantes. — O Prelado, convencido de que quem mostrava tal intelligencia havia de ser bom Pastor da Igreja, ordenou-o.



ACTO DE JUSTIÇA DO SULTÃO
AMURATH.

No reinado do Sultão Amurath, vendo-se um Turco sem mulher e sem filhos e querendo ir em romaria á Meca, julgou que a ninguém melhor podia confiar o que tinha mais precioso, do que a um *Hoggia* (Doutor em Leis) seu conhecido. — Entregou-lhe pois algumas joias dentro de um saquinho, e pediu-lhe que lh'as guardasse com cuidado até ao seu regresso, com a condição de ficar dellas herdeiro, se, durante a viagem projectada, elle viesse a fallecer. — Voltou felizmente da Meca o peregrino e pedindo ao *Hoggia* que lhe restituísse o deposito que lhe havia confiado, respondeu-lhe este, com o maior sangue frio, que nada sabia do que elle pretendia. — Como o negocio só fôra tratado entre ambos dissimulou o peregrino o seu desgosto, e passados alguns dias, foi fallar ao Grão Visir, a quem relatou o occorrido. — Vendo este porem que o negocio era melindroso, e que o *Hoggia* facilmente negaria o que ninguem presenciara, respondeu ao peregrino que se houvesse com paciencia por mais alguns dias, até que elle fallasse ao Grão Senhor. Informado este do caso, ordenou ao Visir que procedesse com cautela na indagação do facto, porque queria aprofundá-lo; que mandasse chamar o *Hoggia*, ligasse amizade com elle,

e lhe fizesse conhecer a esperanza de occupar altos empregos — O Visir representou perfeitamente o seu papel pelo espaço de muitos dias. — Encantado o *Hoggia* com os discursos do Visir e mais que tudo com as promessas que este continuamente lhe fazia julgava ter já conseguido o que tanto desejava. Mas não ficarão aqui as couzas: o Visir, por ordem secreta do Grão Senhor, mandou que o *Hoggia* lhe dêsse conta de quantos crimes occorressem, e ouvindo cada dia o relatório do *Hoggia*, perguntava-lhe o Grão Senhor a sua opiniao' assim como qual era o castigo que merecia o culpado; conformando-se sempre com a sentença proferida pelo mesmo *Hoggia* a quem havia nomeado Relator e dado um Emprego em sua casa.

Decorrerão cinco ou seis mezes sem que apparecesse o menor indício do furto; é necessario advertir que o peregrino dera exacta conta ao Grão Senhor dos objectos que tinha mettido no saquinho de que acima se fallou; fazendo entre outros, especial menção de um *tes-buch* de primorosissimo coral. Este *tes buch* é uma especie de rosario de noventa contas que serve aos Musulmanos para repetirem certas palavras tiradas do alcorao.

Os Turcos devotos trazem sempre na mão este rosario quando vão visitar alguem principalmente quando pertendem fallar aos Grandes; e a esta circumstancia se deve a prova do furto praticado pelo *Hoggia*.

— Um dia que indo ao serralho, levava este rosario, notou-o o Graõ Senhor, e desconfiando que fosse, como de facto era, o do queixoso, gabou-lho'o muito.

Julgando o *Hoggia* que o Graõ Senhor tinha empenho em o possuir, apressou-se a offerecer-lho, e aquelle a acceita-lo com signaes de gratidaõ. — Mas não bastava unicamente um indicio, era necessário que houvessem mais algans. — Como sabia que no dito saquinho havia um anel; obra prima no seu genero e de grande valor [anel que os Turcos trazem no dedo pollegar quando manejaõ o arco) esperou outra occasiaõ para melhor descobrir o furto, e convencer plenamente o *Hoggia*. — Proporcionou-a o proprio sultão d'alli a dias mandando a um dos seus pagens que manejava bem o arco, que fosse á praça do *Girit* aonde o proprio Sultão tambem lançou mão do um; não havendo no Imperio quem o excedesse em força nem no exercicio da frecha. Ao dobrar o arco, queixou-se que o seu anel lhe magoava o dedo, bem certo de que o *Hoggia*, que alli se achava presente e lhe havia já offerecido o seu rosario não deixaria de o mimosear com o anel que recebêra do peregrino. — Será possível exclamou o Graõ Senhor que ja não haja quem faça um anel tão perfeito como o ourives Fulano, que ha tempos é fallecido? O *Hoggia*, a quem faltava agudeza para conhecer o laço

que se lhe armava querendo ainda mais captivar a benevolencia do Sultão, respondeo immediatamente, que elle possuia um anel, do dito ourives, e que se sua Alteza lhe permittisse teria muita honra e satisfação em lh'o offerecer.

Acceitou-o o Graõ Senhor e voltando para o seu Palacio, mandou logo chamar o Visir e o peregrino, e com o rosario na mão como quem orava, esperou que o peregrino o reconhecesse, como de facto reconheceo, assim como o anel; e dando logo ordem para que o *Hoggia* comparecesse na sua presença, perguntou-lhe o Sultão o que merecia quem semelhante acção houvesse praticado. — Tão longe estava este de pensar que era a seu respeito que tal pergunta se fazia, que, querendo mostrar grande inteireza, disse: “que o réo merecia ser pilado vivo em um almofariz.” A estas palavras ordenou o Sultão que o prendessem, mandou-lhe dar busca á casa, e sendo-lhe achado tudo quanto havia negado ao peregrino, foi-lhe applicada a sentença por elle proprio proferida.

Para esta se levar á execuçaõ furo-se uma pedra para fazer o effeito de almofariz aonde foi lançado nú e pilado vivo pela mão do algoz.

Esta pedra existia ainda ha cem annos época em que foi vista por Tavernier.

CARREIRA MILITAR E POLITICA DO
ULTIMO REI DA SUECIA.

Carlos João XIV (*João Batista Julio Bernadotte*) nasceu em Pau (França), em 26 de Janeiro de 1764.

Assentou praça de soldado voluntariamente no regimento real de marinha em 3 de setembro de 1780;

Passou a granadeiro em 30 de maio de 1782;

Cabo a 16 de junho de 1785;

Sargento a 31 de agosto;

Forriel a 21 de junho de 1786;

Sargento-major a 11 de maio de 1788;

Ajudante a 7 de fevereiro de 1790;

Tenente no regimento d'Anjou (n. 36) a 6 de novembro de 1791;

Ajudante-major a 30 de novembro de 1792;

Capitão a 18 de julho de 1793;

Chefe de batalhão a 8 de fevereiro de 1794;

Chefe da 71.^a meia brigada a 4 de abril seguinte;

General de brigada em junho;

General de divisão no mesmo anno;

General da republica franceza em 1795;

Embaxador da corte de França em Vienna em abril de 1798;

Ministro da guerra em julho de 1799;

Conselheiro de estado e general em chefe do exercito de Oeste em 1800;

Marechal do imperio a 19 de maio de 1804;

General em chefe do exercito de Hanover e governador deste paiz em 1805;

Principe de Ponte-Corvo em junho de 1806;

Governador das Cidades Anseaticas, e commandante em chefe do exercito destinado para cooperar com os movimentos da Russia e da Dinamarca contra a Suecia em 1807;

Eleito principe hereditario pelos estados geraes da Suecia a 21 de agosto de 1810, e adoptado por filho pelo rei Carlos XIII;

Proclamado rei de Suecia e Noruega a 5 de fevereiro de 1818;

Morreu a 8 de março de 1844.



A CRUZADA DOS RAPAZES

No anno de 1212 passou-se na França e na Allemanha um dos factos mais extraordinarios de que fazem menção os annos da idade media um erro inaudito em todos os seculos como diz Mathieu Paris. Segundo refere este historiador um rapaz, vagando pelas cidades e aldeas de França, ia gritando por toda a parte, como se fôra inspirado de Deos, que devião todos os moços ir resgatar a santa cruz. Os outros rapazes da sua idade, ouvindo-o seguião-no em multidão, abandonando seus pais, seus mestres e seus amigos sem que nada os podesse conter. Os que precedião as turbas, arvorando pendões, dizião que elles devião atravessar o mar, pois assim como outr'ora os filhos de Israel sahidos do Egyto haviaõ obtido a terra da promissão, assim

poderião elles tambem possui-la.

Entretanto o mesmo se passava na Allemanha. Bandos de rapazes de todas as idades e todos os sexos, alguns dos quaes não contavão ainda doze annos, se reunião á voz de um chamado Nicoláo. O seu numero, em os dous paizes, subio acima de 90,000; e todos experimentarão os mesmos desastres. Depois de soffrimentos inauditos, os cruzados de França chegarão enfim, já mui diminuidos em numero, a Marselha. Ahi dous mercadores desta cidade, Hugo Ferreus e Guilherme Porcus, offerecerão-lhes transporta-los ao Oriente sem paga alguma, assegurando ser a piedade o unico motivo da sua resolução. Sete navios se fizeram de vela carregados de rapazes. Assaltados de uma tempestade durante a navegação, dous destes navios forão tragados pelas ondas, e os outros cinco, depois de muitos trabalhos, chegarão a Alexandria, onde os dous Marselhezês vendêrão aos Sarracenos os miseraveis rapazes como escravos.

Os pequen os cruzados da Allemanha não tiveram melhor sorte. Na longa peregrinação que lhes foi preciso fazer para chegarem à Italia, a fome, a fadiga e os calores os fazião morrer aos milhares. Segundo uma revelação divina que um delles pretendia haver recebido, ião todos persuadidos que a secco, por faltas de chuvas, devia ser tal neste anno que os abyssos do mar ficariaõ em secco: e assim chegarão a Genova na firme esperança de po-

derem ir até Jerusalem, seguindo o leito enxuto do mar Mediterraneo. Logo que virão dissipada a sua illusão, dispersarão-se pelas differentes cidades maritimas da Italia, mas em parte nenhuma poderão obter navios para a sua viagem. «Então, diz um historiador, os que restarão se virão cahidos em tão grande miseria, que ninguém os queria recolher, e bem se lhes podião applicar as palavras de Jeremias: «Os meninos pedirão pão e não houve quem lh'o desse.» Bem poucos delles conseguirão voltar a suas casas: a maior parte ficou reduzida a servirem como escravos os habitantes do paiz.

Assim acatou esta singular e miseravel tentativa de crusada, que havia abalado profundamente os espiritos mais illustrados do tempo, e fez dizer ao papa Innocencio III: «Estas crianças nos accusaõ de estarmos sepultados no somno, emquanto elles correm á defeza da Terra Santa.»

A maior parte das chronicas contemporaneas fazem menção destes acontecimentos; e o mais he que o fazem com uma especie de apologia, tal era a ignorância e a cegueira do fanatismo do seculo!



IRLANDEZ PARVO

Perguntavão a um Irlandez muito tolo, se entendia o Francez: — Perfeitamente, respondeu elle, com tanto que nro sallem em Irlandez.—

PRODIGIOSA LONGEVIDADE.

Uma dama franceza estabelecida em New-york dirigiu a uma sua amiga, em França, uma carta em que se acha o seguinte:

Devo fallar-te, minha chara amiga, d'um facto mui notavel. Vi Joice Heth, ama ou antes cazeira de Gregees Washinhton. Nasceu em Madagascar em 1674 e tem hoje (1846) 161 annos. Ha 25 annos perdeu a vista e é obrigada a estar deitada. Seu ouvido está perfeitamente conservado, falla com muita facilidade, e tem uma pronuncia muito agradavel. Entretem os que a visitam com anedotas differentes relativas á infancia de seu antigo amo, que assim chama ella a Washington. Come com appetite, bebe e fuma com prazer, e a pessoa que cuida d'ella me disse que ella se occuparia todo dia n'isso se lhe quizessem dar ouvidos. Forçoso é tel-a em regimen para conservar-

lhe a saude, visto que a falta de exercicio a impediria de digerir seus alimentos. É muito possivel que viva ainda muito tempo. A unica dor que sente, diz ella, é uma dor intermittente na palma da mão esquerda, e quando lhe vem a dôr põe-se a gritar: *My hand! my hand!* e a fecha ao mesmo tempo com força por alguns segundos, depois fica socegada. Os medicos attribuem esta dôr á contracção dos musculos ressequidos pela idade, e não conhecem remedio, nem meio de alivio. Esta mulher deixou crescer as unhas da mão, ás quaes tem uma polegada de comprimento; não posso dizer se é por gosto ou se é por sentir sensação desagradavel cortando-as. Esquecime de informar-me a este respeito. Quanto ás unhas dos pés, são realmente curiosas: figura tu que a unha é revestida de muitas camadas sobre-postas, e que tudo termina em uma ponta re-

torcida como um bico de papagaio, de sorte que esta parte de seu corpo assemelha-se menos á forma humana do que á de uma ave de rapina. Tem quatro pés e meio de altura, e as diferentes partes de seu corpo são proporcionadas. Não a vendo de perto, parece uma creança de 12 ou 13 annos deitada em uma cama. Eu julgava que sua avançada idade me offerecia um objecto desagradavel á vista; porem enganeme; posto que ella não tenha se não pelle e ossos, como uma mumia, pode julgar-se que foi bonita em sua mocidade.

O ENGANADO POR ESPERTO.

O celebre Marquez de Spinola, descendente d'uma illustre familia de Genova foi um dos grandes generaes que teve a Hespanha titulo que gradeou em razão dos importantes serviços, que fez no commando das tropas Hespanholas nos Paizes Baixos: tinha adoptado uma singular maneira d'enganar os seus inimigos; qual era dizer lhes a verdade. Vindo a Paris depois do cerco de Ostende, que durou

tres annos, onde os sitiados perderão mais de 50:000 homens, e os sitiantes perto de 80:000, sendo tomada a final em 1604, Henrique IV. lhe perguntou quaes erão os seus projectos na proxima campanha, em que hia entrar, intimamente persuadido, que olhando-o como alliado secreto do Conde Mauricio de Nassau contra o qual tanto se distinguio na batalha de Flandres, lhe daria uma informação opposta a tudo aquillo, que se propunha fazer. Spinola fez chair o rei no laço, que elle mesmo tinha armado: com a maior exacção expõe a Henrique o plano intentado; então o Monarcha escreveu a Mauricio contando-lhe o contrario de tudo aquillo que o seu rival de gloria lhe havia dito. Assim Henrique e Mauricio ficaram logrados na sua suspeita. "Os outros enganão, mentindo (dizia Henrique IV): este engana, dizendo a verdade."

CHARADA.

P'ra fazer uma canada
Quanto me falta? Nada — 1 —
P'ra fazer uma Matriz
Quanto falta? Falta um triz — 1 —
Se pela parte direita
A mim se chega um Leaõ, ●
Eis que logo deixa ver-se
Patente o Camaleaõ. (A.)

O. P. 1848 Typ. Imp. de B,
X. P. de Sousa.